

O CISNE LIVRE

UMA REFLEXÃO SOBRE
VIDA E LIBERDADE

Leandro Augusto Simões

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

A GANGORRA DOS EXCESSOS

Admira-me bastante a tendência das pessoas em se posicionar nas extremidades dos conceitos. Naturalmente, como humanos, somos inclinados a defender ideais e nos apegarmos a eles. Entretanto, encontrar um equilíbrio tem se tornado uma aventura cada vez mais improvável. Vivemos uma era de excessos. As pessoas parecem enlouquecidas dentro do seu próprio ego. Não importa quão coerente é uma informação, se ela faz ou não sentido, ou se prova o contrário do que você pensa. O que importa é você se manter dentro de sua caixinha, defendendo aquilo que acredita, quase sempre de forma crédula e sem quaisquer alicerces sólidos que embasem seus conceitos. Há muita informação disponível, verdadeira e falsa. Mas só se consome o que convém aos conceitos individuais preestabelecidos. Tal seletividade do conhecimento tem gerado uma geração de acéfalos, iletrados da vida, incapazes de defender, até mesmo, aquilo em que crêem. Basta um argumento convincente contrário, usando uma informação de peso, e pronto. As gagueiras e tremedeiras começam. E a amizade? Que amizade? Ela dura apenas o tempo que você não tenta provar que ele está errado.

Direita e esquerda, fanáticos religiosos e ateus, machistas e feministas. Tudo isso, e outras infantis gangorras mais, só prova uma lição clara da história: a terceira lei de Newton (1642–1727), um princípio físico básico e precursor de muitas descobertas posteriores, se aplica assustadoramente às ciências humanas. Em 1687, ele escreveu que para toda **ação** (força) sobre um objeto, em resposta à interação com outro objeto, existirá uma **reação** (força) de mesmo valor e direção, mas com sentido oposto.

Vamos exemplificar: Os anos de dominação abominável dos homens sobre as mulheres fizeram as mulheres hodiernas quererem ser tão abomináveis quanto, ou até mais, que os homens da idade média. Os papéis se inverteram. Ao invés de alcançarem a igualdade, as “crianças” só trocaram de lado na gangorra.

Ainda outro exemplo é o moderno, badalado, *fashion* e cultuado ateísmo que está se disseminando pelo mundo ocidental, sobretudo entre “intelectuais”, filósofos e jovens (colocar a maioria dos jovens de hoje neste meio me provoca risos). Já conversei com vários ateus convictos e, cada vez que faço isso, percebo um mesmo padrão repetido. Explico: A maioria esmagadora deles tem coisas em comum, que lançam luz sobre o que os levou a desacreditar na existência de um ser superior. Atrevo-me a dizer que lançou um holofote sobre tais motivos.

Primeiro, graças a um admirável conhecimento da história, a maioria deles tem uma profunda e justificável revolta com a hipocrisia religiosa. Anos de inquisição católica na idade média, cruzadas e, mais recentemente, a exploração financeira

das igrejas neopentecostais, aliados ao fanatismo religioso de grupos extremistas, geraram uma verdadeira repulsa, um nojo, asco no pleno sentido da palavra, dessas pessoas ao cristianismo e a toda e qualquer religião organizada. Veja novamente a terceira lei de Newton em ação! Pergunto eu: Qual é a relação de Deus com a hipocrisia religiosa ao longo dos séculos? Seria razoável crer, portanto, que Deus não existe ou são apenas fanáticos e ateus de dois lados da gangorra dos excessos?

Segundo, outro padrão é que há uma absurda ignorância sobre a Bíblia e seus ensinamentos. A maioria dos ateus, quando mencionam doutrinas, princípios e valores supostamente contidos na Bíblia, apenas repetem o que ensinaram a eles na escolinha de catecismo, quando eram crianças, ou o que seus heróis intelectuais apregoavam como bandeiras. A maioria dessas ladainhas trata-se de flagrantes distorções promovidas pelas mesmas religiões das quais eles têm repulsa. Mas, repetem-nas, não para pregar do púlpito, como os clérigos ou pastores, mas como argumentos para apoiar sua descrença em Deus.

Dou um exemplo: Numa única frase de seu livro *Deus não é grande – Como a religião envenena tudo*, Christopher Hitchens (1949-2011), escritor britânico, demonstra uma profunda falta de conhecimento sobre a Bíblia, a despeito de sua inegável eloquência. Ele diz: “A Bíblia pode conter, e de fato contém, uma permissão oficial para tráfico de seres humanos, limpeza étnica, escravidão, preço de noivas, por que foi composta por mamíferos grosseiros e incultos”. Bom, para um leitor da Bíblia esporádico e desavisado, isso até pode parecer ter alguma coerência. Mas, me causa estranheza um homem dotado

de um intelecto acima da média, jornalista e crítico literário, fazer uma análise tão superficial e completamente descontextualizada de um livro que, a meu entender, leu como se fosse um conto infantil. Não se deu nem ao trabalho de estudar profundamente os aspectos culturais e comportamentais do tempo em que foi escrito, muito menos o perfil dos escritores. Num breve exame de tal contexto social, cultural e histórico, Hitchens perceberia que coisas como Preço de Noiva, a escravidão e a Poligamia, por exemplo, já eram costumes daquela sociedade há centenas de anos antes da lei de Moisés existir. Eram tão normais quanto hoje é para nós andar de avião e usar a internet. A lei do Levítico, na verdade, regulamentou essas práticas para que não houvesse abusos e excessos, tão comuns nas nações vizinhas a Israel. Tanto é assim que, com o passar dos séculos, todos os que professavam sua devoção ao Deus dos judeus se adequaram ao que, de fato, sempre foi o padrão justo e ético, hoje prevalecente (em teoria) na nossa sociedade.

No que diz respeito à escravidão, escapa-lhe o fato de que, tal palavra assumiu o significado que conhecemos atualmente, muitos séculos depois. Um escravo nos tempos bíblicos não era como o concebemos hoje. Era na verdade um trabalhador assalariado, contratado muitas vezes para administrar até mesmo a casa e os bens de seus amos. Muitos deles eram fiéis por amor aos seus donos e nunca os abandonavam. Mesmo assim, a lei Mosaica continha várias orientações e diretrizes para proteger esses trabalhadores contra abusos e arbitrariedades que porventura pudessem ser cometidos contra eles, pelos seus amos. Isso sem falar da lei do jubileu, ano sabático adicional

aos regulares (que ocorria de 50 em 50 anos) que coloca qualquer sistema previdenciário atual no chinelo.

Hitchens muito provavelmente não sabia que, enquanto as religiões organizadas, sim, as mesmas que ele usou para julgar as escrituras, ensinavam que a terra era plana e estava apoiada sobre animais gigantes, a Bíblia já dizia, há quase três mil anos, que ela era um “círculo” e estava suspensa sobre o nada. (Isaías 40:22 e Jó 26:7). Ele, quase com certeza, estava na ignorância a respeito das regras sanitárias dadas a Israel que eram, para a época, muito superiores ao que se sabia até recentes 300 anos. Adicionalmente a isso, é importante sublinhar que a nação potência dominante daquela época, o Egito, reconhecidamente uma das mais avançadas civilizações da história da humanidade, acreditava que fezes humanas tinham um poder curativo quando aplicadas sobre ferimentos. Ou ele desconhecia esses fatos, ou simplesmente os ignorou porque não queria sair de sua caixinha extremista, expressão de uma revolução dogmática contra o fundamentalismo religioso. Crianças do lado oposto da gangorra.

Agora, vamos ao ponto talvez mais polêmico nos anos recentes: a política. Os níveis de polarização partidária e ideológica chegaram a patamares inquestionavelmente insustentáveis. Os termos “extrema direita” e “extrema esquerda”, que num passado recente eram aplicáveis apenas às formas de governo totalitárias, já extintas (ou em extinção), são atualmente a regra da vez em países com democracias consideradas historicamente robustas e são pauta, na melhor das hipóteses, das mais acaloradas discussões em redes sociais. Num nível mais

abrangente e macabro, o estopim para o encerramento de amizades, brigas em família e o fim dos mais sólidos vínculos de amor.

Vamos aos fatos: a ânsia humana por justiça social e igualdade é secular. Todas as formas de governo experienciadas até hoje tiveram como força motriz fundamental este senso de justiça natural, do qual fomos dotados. No entanto, uma frase do historiador britânico Lord Acton (1834-1902), ilustra muito bem o porquê de os humanos falharam miseravelmente em seus esforços. Ele disse: “O poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe absolutamente, de modo que os grandes homens são, quase sempre, homens maus.” Isso vale para todas as formas de governo, inclusive os democráticos.

No socialismo, Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895) pregaram o que *seria* um sistema igualitário: distribuição igual de renda, terras e bens a todos, sem distinção. No entanto, este conceito foi definido, com efeito, como utópico, posto que, na prática, não funciona. Por quê? Porque, como disse Acton, o poder absoluto corrompe absolutamente. Então, numa tentativa desastrada de resolver o assunto, resolveram dar poder relativo a vários eleitos, que vivem às custas do povo e, são corrompidos igualmente. Isso é a democracia. Adicionalmente, qualquer tentativa de misturar socialismo com democracia, tem gerado, em médio e longo prazo, caos econômico e social. Os mais bem intencionados esforços humanos jamais mudarão a realidade de que vivemos num mundo imperialista e, por isso, nações que não se sujeitam, sofrem. A discussão aqui não é sobre justiça social, mas sobre uma realidade podre do mundo

e não apenas de nosso país. Realidade esta que nos joga, sem alternativa, numa roda viva de desigualdade e má distribuição de renda. Por isso, este é o único dos três casos que mencionei, onde não há equilíbrio possível, a não ser a total e absoluta neutralidade, posto que qualquer apoio, tácito ou ativo, nos torna cúmplices do sistema. Sim, cúmplices, não vítimas.

O que impressiona, de fato, é vivermos na atual sociedade de relativização moral, onde se ensina nas universidades que a verdade não existe, que ela é relativa; onde se diz que os conceitos de “bem e mal” são igualmente relativos e variam de indivíduo para indivíduo e, mesmo assim, as pessoas se digladiam em brigas homéricas sobre política, cada uma achando-se do lado da verdade e do bem, quando na hora de elas próprias fazerem algo que é imoral, ilegal ou que “engorda”, dizerem que a verdade absoluta não existe. Essa demagogia social é extremamente incômoda e, em minha opinião, é um dos mais tristes retratos da infantilidade, burrice e estupidez de nossa sociedade, além de ser uma prova inquestionável do quanto as pessoas estão hipnotizadas, num transe midiático, promovido não só pelas mídias, mas também por educadores e influenciadores de outras áreas, que são idolatrados como verdadeiros líderes religiosos, que ditam em que se deve crer e quando crer. Fazem com que as pessoas se sintam inteligentes e descoladas. Falam aquilo que elas querem ouvir. O que é conveniente. Poucos aprendem a pensar por si próprios, ou minimamente deixam-se guiar pelas referências certas.

Por isso, não se critica um livro sem antes o examinar meticulosamente. Não se fala de corrupção, quando se minimiza

cometer pequenos delitos para se safar vez por outra, ou se apóia qualquer governo, seja ele de direita ou esquerda (pois, todos perpetuam a corrupção e suas consequências). Conhecimento é tudo. A leitura, o estudo e a reflexão devem preceder a fala. Lembre-se: Antes de machos e fêmeas, somos homens e mulheres. Antes de sermos ateus ou fanáticos, temos o livre arbítrio de ser agnósticos ou religiosos. Antes de sermos de algum partido, somos humanos. Graças a Deus...

O Lago dos Cisnes, de Tchaikovski. O vídeo fora gravado poucos dias antes de sua morte. Não é preciso dizer que levou-me às lágrimas. Porém, mais do que isso, me fez refletir profundamente sobre esta interdependência entre vida e liberdade. Nossa mente foi inquestionavelmente projetada para o eterno e para estar conectada com algo maior e supremo, sem o qual a verdadeira liberdade inexistente.

A grandeza de um ser humano, ainda que limitado por um corpo imperfeito, é uma das maiores provas da existência de Deus e da nossa inteira dependência dele. Não se trata de uma espécie de negacionismo da finitude da vida, como se a consciência da morte nos tornasse frágeis e suscetíveis a enganos religiosos. É exatamente o contrário. A realidade temporária de que há um fim, de que a nossa vida depende do funcionamento do cérebro e que, quando ele para, simplesmente deixamos de existir, é que evidencia que precisamos estar indelevelmente ligados a nossa fonte de energia e vida, o criador. E que enquanto isso não acontecer plenamente, seguiremos correndo a passos largos através da velhice, definhando rumo à inexistência.

Mas, nem isso tira a grandeza daqueles que ainda possuem dentro de si as asas que lhe foram arrancadas. Aqueles que refletem a impressionante personalidade daquele que os fez e, por isso, são livres. Aqueles que reconhecem que essa dependência do criador é a essência do conceito da verdadeira liberdade. Aqueles que, quais cisnes machucados (como os do lago, de Tchaikovski), permanecem gigantes e voam alimentando uma esperança sóbria e uma racional fé de que a vida eterna existe. E ela virá! Pois sem vida, não há liberdade.